

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-9>

## **A compreensão teológica da eucaristia: análise das anáforas eucarísticas**

*Theological Understanding of the Eucharist:  
Analysis of Eucharistic Anaphors*

MANOEL PACHECO DE FREITAS NETO\*

**Resumo:** O texto se insere na linha de estudos sobre a teologia eucarística, que parte da celebração da Eucaristia. Admitindo o rito como lugar teológico que deve vir em primeiro lugar, entre todos os ramos de desenvolvimento teológico que tratam da compreensão do sacramento da Eucaristia. O rito, os gestos, e as anáforas devem ser aceitos como fontes de teológicas para nos levar a uma maior lucidez do próprio desse momento da história da salvação.

**Palavras-chave:** Rito. Anáforas. Gestos.

**Abstract:** The text is part of the line of studies on Eucharistic theology that starts from the celebration of the Eucharist. Admitting the rite as the theological place that must come first, among all the branches of theological development that deals with the understanding of the sacrament of the Eucharist. The rite, the gestures and the anaphors must be accepted as theological sources to lead us to a greater lucidity of this moment in the history of salvation.

**Keywords:** Rite. Anaphors. Gestures

---

\* Manoel Pacheco de Freitas Neto é Doutor em Teologia pelo Pontifício Ateneo de Santo Anselmo, Roma, membro da Comissão de Liturgia do Regional Leste I (CNBB) e da Comissão de Liturgia da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Contato: [manoel.rjaneiro@gmail.com](mailto:manoel.rjaneiro@gmail.com)

*A eucaristia não é como uma celebração pós-pascal, mas é a perene manifestação da páscoa. Se a liturgia tem um sentido, é aquele de ensinar-nos original e originariamente o que é o cristianismo.*

## Introdução

Os tratados clássicos sobre o sacramento da Eucaristia foram muitas vezes elaborados na esteira da reflexão escolástica, codificada no Concílio de Trento, que articula o discurso em torno de três capítulos fundamentais: a Eucaristia como sacramento, que tem por objeto a presença real, o sacrifício da cruz e o da missa; a Eucaristia como banquete, tema muitas vezes realizado de forma apressada foi remetido a discussões de natureza espiritual.

No início do século XXI, com a nova sensibilidade que exigia o contato direto com as fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas, o tratado sobre a Eucaristia se estrutura de forma bipartida, com uma primeira parte na qual a doutrina é exposta sistematicamente, em gênero dividido em torno dos três temas acima expostos.

O período pós-conciliar conhece uma crise do gênero dos tratados, que se dissolveu com a queda das manualísticas pré-conciliares. Ao lado da evolução positiva da linguagem, mais livre dos constrangimentos da rigidez da forma e do tecnicismo das fórmulas da tradição escolástica, também perdeu-se um pouco da intenção de completude e objetividade tendenciais, típicas do tratado. Os poucos que podem ser revistos introduzem, como elemento de renovação, algumas categorias próprias da reflexão conciliar, como a da história da salvação ou devedores da chamada teologia dos mistérios de O. Casel, liturgo beneditino por cujas obras sou apaixonado, e que concebe o rito como memorial da obra de redenção de Cristo.

Uma instância, por exemplo, que surgiu com suficiente clareza nos últimos anos é que uma reflexão sistemática sobre a Eucaristia, não pode ocorrer de forma abstrata, independentemente dos dados antropológicos implícitos no evento ritual historicamente localizado, e não pode permanecer desapegada e autônoma as formas celebrativas concretas que a própria Eucaristia assume no tecido vivo das comunidades eclesiais, sem se trair.

## 1 O Rito e a oração

A primeira e fundamental compreensão da Eucaristia realiza-se na celebração e por meio dela; mas é pela mesma razão que a reflexão teológica deve exercer uma função crítica em relação às práticas históricas concretas relativas à Eucaristia. Permanece, portanto, uma relação dialética irreprimível entre a teologia e a celebração da Eucaristia.

A preocupação formulada acima de apreender a relação entre o momento teórico-especulativo e a imediação simbólica do próprio rito não diz respeito apenas ao capítulo da Eucaristia, mas envolve toda a reflexão sobre os sacramentos. S. Ubbiali (1988, p. 314) afirma que para uma leitura adequada da realidade do sacramento, é necessário postular o primado do recurso à prática eclesial. Uma vez que a Igreja unicamente na celebração conquista e percebe o que é o sacramento em sua natureza, a teoria deste sacramento deve proceder da referência ao ato prático.

Portanto, a necessidade de iniciar a compreensão da Eucaristia a partir do rito da celebração, que não deve ser considerado extrínseco à Eucaristia, pois determina sua compreensão, torna-se cada vez mais compartilhada. O entendimento que não pode ser produzido é que dentro de uma Igreja realmente celebra-se a Eucaristia, e é com referência a essa prática que estrutura intrinsecamente a sua fé. Como em geral a inteligência refletida da fé, teologia especulativa e certamente nunca completamente desprovida de inteligência, não procede a fé qual concreta experiência. Assim, a primeira, mais original e nunca prescindível compreensão da Eucaristia é a da Igreja que celebra e não da que pensa.

Elaborar uma teologia da Eucaristia a partir da celebração é, portanto, não apenas a deformação profissional do liturgista, mas também tem sua própria legitimidade a partir de uma metodologia cada vez mais difundida, assumida também pelo teólogo sistemático. Esse método, aliás, não é uma novidade desses anos, mas já está contido no ditado conciliar, quando a constituição litúrgica afirmou que o cuidado da Igreja deve ser direcionado para fazer ritos e orações – *per ritus et preces* – (SC 48).

Essa afirmação encontra eco na indicação da Instrução *Eucharisticum Mysterium* (1967), na qual, com cuidadosa ênfase de

caráter pastoral, lemos: “Os pastores guiem os fiéis a uma plena compreensão deste mistério da fé, com uma catequese conveniente, que inicie aos mistérios do ano litúrgico, dos ritos e das orações que ocorrem na celebração – *a ritibus precibusque in celebratione ocorrentibus* – para lhes esclarecer o seu significado, especialmente o da grande oração eucarística, e depois conduzir a uma compreensão profunda do mistério que tais ritos e orações significam e realizam” (n. 15).

A afirmação leva-nos ao tema específico desta comunicação, que tem por objeto a oração eucarística como lugar em que a Igreja celebra e confessa a sua fé no mistério de Cristo, que faz com que homens e mulheres de todas as idades participem do Seu corpo e sangue, oferecidos como sacrifício por nós e para todos nós.

É fato que as teologias atuais sobre a Eucaristia, em geral, não deixam espaço para a “Eucaristia” no sentido primário do termo, para a grande oração eucarística tradicional. São indiscutivelmente teologias sobre o tema. Quase nunca é a teologia da Eucaristia, isto é, uma teologia que dela deriva, e não uma teologia que se adapta a ela de fora, mais ou menos apropriadamente, ou se reduz a passar sem nunca dignar uma relação íntima com isso. Esta é a tentativa que agora me proponho explicar.

## 2 A Oração eucarística

O rito que hoje comumente chamamos de Eucaristia ou Missa conheceu várias denominações ao longo da história. Indicavam o aspecto que se pretendia trazer à tona em determinado período histórico. Assim, nos Atos dos Apóstolos, encontramos a expressão *fractio panis* (Atos 2,42; 20, 7.11), em São Paulo, o termo *Cena Domini* (1 Cor 11,20); no Oriente, do século IV ao VI, o termo Missa aparece, provavelmente, como uma forma substantiva equivalente a *missio*, do latim *mittere*, que poderia ter ainda mais significado do que dispensa. O simples conceito de dispensar a assembleia passa a designar toda a celebração. Talvez uma expressão um tanto redutiva ou ainda mais significativa do que pareceria à primeira vista, pois conteria uma referência implícita ao tema total da celebração.

A denominação com base na qual agora pretendemos nos deter é a de Eucaristia. Com efeito, não é desinteressante observar como ela sublinha, até que se determine o elemento “oração”. O rito

do partir o pão, na era imediatamente sub apostólica, apresenta-se como a “Eucaristia”, que, em si, é o nome da oração que acompanha o rito do pão e do vinho. Isso, segundo S. Marsili<sup>1</sup> (Anamnese, 3/2, 1983, p. 11-15), significa a importância que essa oração tem desde o início, a ponto de cobrir todo o rito com seu próprio nome. Isso já é evidente na Didaqué. O termo Eucaristia passa, então, a adquirir uma nova espessura. Ele designará não só o rito em seu plano formal, mas também em seu conteúdo, isto é, o pão e o vinho consagrados e tornados Corpo e Sangue do Senhor.

A Eucaristia é a própria realidade que se come e se bebe e denota a oração que se faz em ação de graças e a oração que a Eucaristia faz. A oração eucarística constitui, portanto, o coração de toda a celebração, não só do ponto de vista da sequência ritual, mas, sobretudo, do seu significado. De fato, com esse plano, a Igreja “imita” a Ceia de Cristo no Cenáculo e obedece ao mandamento de Jesus: faça em memória de mim. Segue-se que a oração é o que determina a própria natureza da Eucaristia da Igreja.

Nos últimos anos, várias teorias foram formuladas sobre a origem da oração eucarística. Bouyer (1983, p. 17), por exemplo, propõe uma derivação da liturgia judaica da mesa, vejo aqui como se ele ampliasse sua atenção para todas as orações judaicas e, portanto, também para a sinagoga, especialmente o Schema’ e a Tefillah.

Os estudiosos consideram necessário um preâmbulo para o estudo da origem da oração eucarística, a inserção nela da narrativa de instituição, na qual identificam a origem em certos formulários de orações judaicas que utilizam embolias narrativas que aparecem no desenvolvimento de uma forma judaica específica da bênção, mas ao gênero literário desta, por exemplo, Gn 24,26-27; Ex 18, 9-12.

Como podemos observar, todos os autores citados têm em comum a referência a um modelo judaico de oração. Recentemente, V. Raffa (2003, p. 402-429 e 567-568). contestou esta provável referência judaica, considerando não comprovada qualquer ligação da Eucaristia cristã com a tradição judaica da refeição sacrificial da confissão ou ação de graças. A negação da matriz judaica baseia-se principalmente no que Rafael considera um defeito metodológico das teorias modernas: não há texto preciso das antigas fórmulas judaicas contemporâneas às primeiras orações eucarísticas e, portanto, qualquer

1 MARSILI, S. *Teologia della celebrazione eucaristica*. Casale Monferrato: Marietti, p. 11-15.

comparação parece insuficientemente demonstrada. Não entramos no mérito das afirmações do autor, ainda que possamos observar que uma posição tão forte parece no mínimo arriscada demais.

Se, de fato, seguindo Cirilo de Alexandria, conclui-se que o único ponto de referência é Cristo, que também nos deu o modelo da oração eucarística, como negar que o Messias, cumprindo e superando a antiga aliança, é em continuidade com o ambiente cultural circundante?

### 3 Estrutura da oração eucarística

Quanto aos problemas inerentes à estrutura da oração eucarística, é obrigatório referir as diferentes perspectivas de E. Mazza (1984)<sup>2</sup> e C. Giraudo<sup>3</sup>. A primeira propõe uma estrutura tripartida, observando como todas as novas anáforas inseridas no Missal Romano de 1979, derivando sua estrutura da tradição antioquina, têm uma tendência trinitária. Em resumo, a anáfora se distinguiria em três setores, cada um dos quais daria particular importância, respectivamente: ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

O texto da oração eucarística começa com louvor e agradecimento ao Pai por tudo o que fez, depois prossegue com a descrição das obras do Filho, sobretudo a Sua morte e ressurreição, setor em que se destaca o relato da instituição, para concluir com o pedido de intervenção do Espírito Santo para a santificação do pão e do vinho. Por último, temos a doxologia final, que é a trinitária e, portanto, concentra e resume esse caráter da anáfora.

C. Giraudo propõe, invés, uma estrutura bipartida, que ele identifica em uma série de textos do Antigo Testamento e da tradição judaica, que juntos estariam na origem da anáfora cristã. Tendo identificado uma série de textos, que constituem o que ele define como uma forma de “cadeia”, constituindo o quadro lógico da estrutura da aliança (Js 25, 2-15; Dt 26, 5-10; Dt 32, 1-25; Sl 44; Ne 9, 6-37), nosso autor observa que, em todas as formas identificadas, podem ser apreendidas duas seções: uma seção de louvor com o verbo indicativo, que constitui o lugar da anamnese – seção anamnética celebrativas –; e uma

2 Indicamos do mesmo autor: *La celebrazione eucaristica. Genesi del rito e sviluppo dell'interpretazione*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1996.

3 GIRAUDO, C. *La struttura letteraria della preghiera eucaristica. Saggio sulla genesi letteraria di una forma. Todah veterotestamentaria – Bra kah – Anafora Cristiana*. Roma: Analecta Biblica, 92, 1981.

seção de perguntas com o verbo no imperativo, em que a comunidade, com base na memória do Deus fiel, pede Sua nova intervenção na existência de Seu povo – seção epiclética. As duas seções, conectadas entre si por partículas lógico-modais ou lógico-temporais, destacam sua relação e dependência. Esta estrutura, para Giraudou, é comum ao dinamismo da oração litúrgica veterotestamentária, judaica e cristã.

Não é nossa intenção aprofundar nesta questão. Acrescentamos simplesmente uma chave de leitura das orações eucarísticas atuais: os elementos essenciais identificados nos princípios e normas para o uso do Missal Romano, n. 55, que identifica oito deles: ação de graças; aclamação; epiclesse; relato da instituição e da consagração; anamnese; oferenda; intercessões; e doxologia final.

### 3.1 Análise da Oração Eucarística III

Seguindo a metodologia aplicada de A. Catella e G. Cavagnoli (1989, p. 65-75) e, em parte, também de V. Raffa, lemos agora a atual Oração Eucarística III, usando a estrutura geral bipartida, isto é, identificam as seções anêmneticas e epicléticas, dentro das quais os elementos do PNMR 55 são desenvolvidos conforme os compositores seguiram.

#### 3.1.1 A ação de graças: o prefácio

O sacerdote, em nome do povo santo, glorifica a Deus Pai e lhe dá graças por toda a obra da salvação ou por algum aspecto particular dela, segundo a diversidade do dia, da festa ou do tempo.

O termo *prefácio*, muito provavelmente de *pro-fari*, pode significar um texto pronunciado diante de Deus ou diante da assembleia, ou até mesmo uma fórmula recitada diante de outra. Abre a oração eucarística em sua seção anamnética e está estruturada em quatro elementos: um diálogo que o introduz e que dispõe a assembleia a subir para Deus; um protocolo inicial, que especifica que a ação de graças é um dever e causa de salvação; um corpo central, no qual são ilustrados os motivos de louvor e ação de graças; o escatocolo que introduz o canto do Santo.

A Oração Eucarística III, em harmonia com a tradição romana, não tem prefácio próprio, mas utiliza peças que podem ser percorridas de acordo com a diversidade do dia, da festa e do tempo. Nos prefácios, os textos da Escritura ressoam com profundidade, justamente por essa função de glorificar o Pai pela obra da Salvação, por exemplo, no prefácio do Advento I, podemos observar a reformulação de numerosas passagens da Sagrada Escritura que formam a base para a oração de louvor e de ação de graças.

De fato, encontramos os textos dos Evangelhos, típicos do primeiro domingo do Advento, que anunciam a vinda do Filho do Homem no esplendor da glória: Mt 19,28; 24h30; 25,31; Lc 9,26; 21.27. Os convites à esperança, vigilantes na espera, ressoam, presentes, tanto em várias páginas dos textos vagos, por exemplo, Lc 12, 35-36, como nas cartas dos apóstolos, que nos exortam a esperar um novo Céu e uma nova terra onde habita a justiça (2Pd 3,13), uma expectativa na qual está envolvida toda a Criação, esperando para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus (Rm 8,19-21).

Enfim, podemos ler ao fundo as palavras do anjo, da ascensão, que predizem a volta d'Aquele que subiu ao Céu (At 1, 10-11), e que encontram garantia na primeira vinda de Cristo na humildade da nossa natureza humana (Fl 2, 5-8); Ele abriu para nós o caminho da salvação eterna, realizando as promessas feitas ao povo de Israel, manifestando, assim, o mistério escondido por séculos e gerações (Cl 1, 26-27).

### 3.1.2 Aclamação

Toda a assembleia, juntando-se às criaturas celestes, canta ou recita o Santo. Essa aclamação, que faz parte da oração eucarística, é pronunciada por todo o povo com o sacerdote.

A aclamação, com algumas variações, propõe os textos de Is 6,2; Mt 21,9 e Mc 11,9. É a saída e a conclusão do mistério da salvação contemplado no prefácio: são precisamente as obras realizadas por Deus que levam a assembleia a cantar a Sua santidade.

Antes de passar à epiclese, nossa oração eucarística desenvolve ainda mais a dimensão anamnética com o *post sanctus*, que encontra sua fonte direta na liturgia hispânica. Nessa parte, é retomado o tema da santidade de Deus, cantado por toda criatura, porque em Cristo,

Seu Filho, Ele continuamente santifica o universo no poder do Espírito Santo. Aqui, a Igreja se reconhece como aquele povo, convocado desde os confins da terra, para oferecer o sacrifício perfeito. Na referência a Mt 1.11, é evidente que contempla a reunião de leste a oeste de um povo que oferece o sacrifício “puro” a Deus. Aqui, queremos aludir à Eucaristia, o sacrifício “puro” por excelência, apreciado, a realização de sacrifícios antigos. Por fim, notamos como a obra divina é descrita de forma trinitária.

### 3.1.3 A epiclese

A Igreja implora com invocações especiais ao poder divino, para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, tornem-se Corpo de Cristo, e que a vítima imaculada, recebida em comunhão, beneficie para a salvação de quem participa neles.

O advérbio “agora” (original latino *Supplices ergo te, Domine, deprecamur*) marca a transição para a seção epiclética. Precisamente porque Deus é o Santo, porque deu a salvação pelo Filho, porque o Espírito continuamente dá eficácia à Sua obra, agora podemos orar humildemente a Ele. A invocação do Espírito no hoje da celebração está, portanto, intimamente ligada à memória dos eventos salvíficos pelos quais foram dados agradecimentos.

De fato, “com o memorial dos acontecimentos da salvação, a invocação da vinda do Espírito Santo é o coração de toda a celebração sacramental. A liturgia não é apenas a lembrança do passado: ela atualiza a salvação para quem recebe um sacramento – o ministro suplica ao Pai que envie o Espírito santificador, para que torne presente, com seu poder transformador, a obra salvífica de Jesus Cristo” (CIC, 1104-1105).

O Espírito atua em cada sacramento: por meio Dele, Deus santifica com Sua graça invisível aqueles que dignamente recebem os sacramentos que não estão sujeitos ao poder humano, mas à graça divina que atua neles: são dons derramados do alto, a serem pedidos com súplicas e serem recebidos, em ação de graças. Isso reflete a unidade como fruto atribuído ao Espírito Santo na teologia batismal de São Paulo, por exemplo: 1 Cor 12,13.

A obra de santificação do Espírito é invocada sobre os dons que a comunidade apresentou, para que se tornem corpo e sangue de Cristo. A epiclese, no entanto, é duplicada. De fato, temos uma segunda parte depois da anamnese e da oferenda, quando o Espírito Santo é novamente invocado pelo Pai, para que todos os que se alimentam do Corpo e do Sangue do Filho se tornem um só corpo e um só espírito em Cristo. O Espírito, portanto, também transforma os presentes, realizando neles a realidade batismal.

É ao Espírito que se atribui o fruto da Eucaristia: estar reunido em unidade, em um só corpo. A conclusão é em breve proferida por E. Mazza (1984, p. 341), por causa de Sua participação no único pão, os fiéis formam um corpo porque o Espírito Santo opera neles. Dessa forma, o aspecto cristológico e o aspecto pneumatológico da Eucaristia se fundem para garantir o fruto da redenção para aqueles que participam dela. Os fiéis são assim conformados a Cristo pela obra do Seu Espírito.

### 3.1.4 A narrativa da instituição e a consagração

A origem deste elemento da oração eucarística encontra-se na liturgia judaica, quando na *Birkat ha-mazon* (oração de bênção ao final das refeições), a passagem de Dt 8.10 (“Você comerá e ficará satisfeito e bendirá o Senhor”) aparece o vosso Deus pela boa terra que vos deu para justificar a proveniência da obrigação de dar graças às refeições.

Essa modalidade, que vê a inserção de uma passagem escriturística como fundamento da ação de graças, passa também para a Eucaristia cristã, na qual, segundo Giraudo, ela se torna o lugar teológico, o fundamento teológico da questão em torno da qual se constrói o formulário oracional.

Na nossa oração eucarística, a narração da instituição encontra a sua introdução no final da primeira parte da epiclese, na qual se faz referência explícita ao mandato do Senhor: Ele nos ordenou celebrar esses mistérios. As palavras da instituição; que, por decisão de Paulo VI, são idênticas em todas as orações eucarísticas, vão agora desde o aceno, de origem paulina (1 Cor 11,23), até à noite em que Cristo foi traído.

A origem latina *in qua nocte tradebatur* permite relacionar a traição de Judas, a entrega de Cristo nas mãos do Pai no momento da morte e a Sua entrega no mistério da Eucaristia à Igreja.

O título da PNMR, 55d, chama esse momento de história de instituição e consagração. O termo “consagração” não aparece no primeiro rascunho, mas foi adicionado posteriormente, o que dá a ideia do problema em anexo. De fato, do ponto de vista ritual, o relato da instituição, nada tem que nos faça pensar em uma consagração; não falamos no presente, mas no passado; não falamos com Deus da ação que está em andamento, mas da ação que Cristo realizou na Última Ceia.

No entanto, se lermos tudo em uma perspectiva tipológica, cara aos padres da Igreja, podemos apreender também outra dimensão, que separa o rito do evento salvífico histórico que aconteceu de uma vez por todas em Cristo. As palavras do sacerdote são, portanto, identificadas com as de Jesus na Última Ceia. Podemos, portanto, concluir que as palavras do sacerdote não são mais dele, mas de Cristo, e têm a eficácia que é própria da palavra de Cristo. A anáfora da narrativa da Última Ceia é uma narrativa de instituição do ponto de vista literário, enquanto é consagração do ponto de vista teológico. Portanto, a tradição católica sobre a consagração encontra sua origem e sua lógica na tipologia bíblica aplicada à narrativa da instituição.

### 3.1.5 A anamnese e a oferta

A Igreja, cumprindo a ordem recebida de Cristo Senhor pelos Apóstolos, celebra a memória de Cristo recordando, sobretudo, a Sua bem-aventurada paixão, a Sua gloriosa ressurreição e a Sua ascensão ao Céu.

No decorrer desse memorial, a Igreja, especialmente aquela reunida naquele momento e lugar, oferece a vítima imaculada ao Pai no Espírito Santo. A Igreja deseja que os fiéis não apenas ofereçam a vítima imaculada, mas também aprendam a oferecer-se e, assim, realizem, por meio de Cristo mediador, a união com Deus e com os irmãos, para que finalmente Deus seja tudo em todos.

A dimensão memorial e a dimensão do ofertório são estritamente mantidas juntas na expressão clássica *memores offerimus*. Mais uma vez, destaca-se como tanto a anamnese que permite à Igreja

ter o sacrifício, quanto como ela está em situação real de oferecer o sacrifício por sujeitos que estão em situação de memória.

Algumas traduções, por outro lado, colocam dois termos no mesmo nível, como se fossem duas ações: celebrar o memorial e oferecer o sacrifício vivo e santo.

Oração Eucarística III apresenta um quadro sintático marcado pelos três termos *memores*; *offerimus*; *gratias referências*. O indicativo é apenas o verbo que oferecemos, colocado em posição central. Os sujeitos da oferta, os presentes, se encontram em uma situação de memória, em que o objeto é o mistério pascal de Cristo: Sua paixão (salutífera); Sua ressurreição (admirável); e Sua ascensão ao Céu.

No entanto, a memória se abre para o futuro: a expectativa da segunda vinda da parusia, graças redentoras. O conteúdo do sacrifício vivo e santo do sacrifício espiritual que é oferecido é esta ação de ação de graças que a Igreja realiza lembrando o que Cristo fez e oferecendo-Se: o sacrifício de fato será pedido ao Pai para reconhecer na oferta da Igreja a vítima imolada para a nossa redenção. Finalmente, as três dimensões da liturgia cristã emergem indiretamente: memória; presença; e expectativa.

### 3.1.6 As intercessões

Nelas se expressa que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, celeste e terrena, e que a oferta é feita por ela e por todos os seus membros, vivos e mortos, chamados a participar da redenção, à salvação adquirida pelo Corpo e Sangue de Cristo.

As intercessões não devem ser consideradas como um elemento secundário a ser assimilado, mais à oração dos fiéis do que aos temas próprios da anáfora. Com efeito, eles evocam um tema sacrificial em sentido próprio, “porque apresentam a Igreja universal ao Pai no momento em que ela se envolve na celebração do sacrifício eucarístico e Dele tira frutos. Por isso, rezamos por todos aqueles que estão na Igreja, pelos vivos e pelos mortos”.

De fato, na oração III, o tema do sacrifício é retomado e introduz as primeiras intercessões: tornar-se um sacrifício agradecido a Deus leva a obter o reino prometido com a bem-aventurada Virgem Maria e com todos os santos, ao mesmo tempo por esse sacrifício de

reconciliação, isto é, o mistério da Páscoa, de Cristo, celebrado na Eucaristia, o Pai invoca a paz e a salvação para o mundo interior.

Podemos agora observar como a visão centrípeta inicial (as pessoas reunidas de uma extremidade a outra da terra) abre espaço para aquela centrífuga, em que a Igreja se entende empenhada em um trabalho em favor do mundo interior, que brota diretamente desse sacrifício de reconciliação.

As intercessões, então, retornam dentro da comunidade eclesial: aquela família convocada e peregrina na terra, o Papa, os bispos, o clero, todos os redimidos e todas as crianças espalhadas por toda parte. A recordação dos mortos conclui as intercessões, por quem pedimos para sermos acolhidos no reino de Deus, onde esperamos poder um dia encontrar-nos desfrutando para sempre da sua glória.

### 3.1.7 A doxologia final

Expressa a glorificação de Deus: é ratificada e concluída com a aclamação do povo. A oração eucarística exige que todos a escutem com respeito e silêncio e dela participem com as aclamações previstas pelo rito.

No final da anáfora, voltamos como em uma grande inclusão, ao tema do louvor com que se inicia cada oração eucarística. O texto, idêntico em todas as anáforas do Missal, é o do cânone romano e contém a fé trinitária.

O amém dos fiéis conclui a doxologia e ratifica a anáfora proclamada pelo padre. O amém final é como o sigilo da celebração eucarística que, por definição, é o sacramento da unidade da Igreja. Visto que o amém dos fiéis mostra que, na celebração há uma total identificação entre a assembleia reunida e o sacerdote, pode-se concluir que o sacerdote é verdadeiramente a voz da Igreja.

## Conclusão

Ao final da análise aqui realizada, é possível iniciar a elaboração de uma teologia da Eucaristia a partir da oração que a conota. Aqui, podemos apenas nos limitar a oferecer algumas ideias a serem exploradas e desenvolvidas, também com uma comparação construtiva

com as outras anáforas do atual Missal Romano, mas também com as de toda a tradição da Igreja, tanto do Oriente como do Ocidente.

a) *A oração eucarística: vértice da oração litúrgica*

A oração eucarística constitui a expressão máxima da oração litúrgica e também um modelo para a oração do cristão. De fato, a fé da Igreja em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo encontra na oração eucarística plena expressão. Nela, a invocação é precedida pelo louvor, pela expressão orante de ação de graças a Deus, reconhecido como Aquele que se revela na história, dando a Sua salvação e tornando-a acessível a cada homem na pessoa do Filho, Verbo feito carne por obra do mesmo Espírito Santo. Em virtude dessa economia salvífica, confessada no louvor, a comunidade cristã pode, por meio dos seus ministros, invocar a presença santificadora do Espírito, para que seja recebida, no altar do céu, a oferta da Igreja que faz a memória do sacrifício redentor. Assim, todos aqueles que comungam esse santo mistério do corpo e sangue de Cristo alcançam a plenitude de toda graça e bênçãos do Céu, e sejam apresentados ao Pai e, além dos presentes, todos os homens e mulheres que O buscam com coração sincero, juntamente com todos os que morreram na paz de Cristo e todos os mortos cuja fé somente Deus conhece.

b) *O memorial e a história da salvação*

O momento anamnético – a primeira parte, mas também a embolia do relato da instituição – nos ajuda a inserir o sacramento da Eucaristia no mistério mais amplo de Deus, desdobrando-se na história: a presença real de Cristo e Seu sacrifício redentor estão incluídos em todo o plano salvífico de Deus, do qual a celebração da Eucaristia é, hoje, a concretização. Isso deve tornar-nos sensíveis também a uma visão unitária da celebração, que saiba apreender as duas grandes partes na sua referência recíproca: a liturgia da palavra e a liturgia eucarística.

O momento do anúncio litúrgico da palavra de Deus não constitui apenas uma preparação para a liturgia eucarística, mas já coloca a assembleia celebrante em uma atitude plenamente cultural, porque aquela palavra solenemente proclamada é Cristo quem fala e pede pela nossa resposta, a nossa adesão de fé. Ele nos pede para assumir plenamente a vida, para trazer o que ouvimos para a história concreta que se desenrola todos os dias.

Esta atitude de culto espiritual expande-se e encontra a sua realização no evento sacramental, em que a resposta de fé que a Palavra proclamada suscitou hoje se torna uma oferta viva, que se une ao sacrifício de Cristo ao Pai.

A Igreja – cada cristão, celebrando em ação de graças o memorial da paixão, morte, ressurreição de seu Senhor – une-se ao sacrifício espiritual do Filho com quem se torna um só corpo. Na celebração eucarística, portanto, a dinâmica: anúncio da palavra – escuta – adesão da fé, é parte integrante do “memorial” porque constitui a própria dinâmica do evento salvífico da Páscoa de Cristo que se realiza em nós.

De fato, assim como o Verbo, ao assumir a concretude da carne, sinal de sua escuta-adesão ao desígnio de Deus, realizou de uma vez por todas a redenção do homem, tornando-se obediente até a morte de cruz, assim também, na celebração da Eucaristia, a palavra, ecoando na concretude do rito, no memorial eucarístico, torna-se a salvação oferecida “aqui e agora” a quem a acolhe na obediência da sua fé.

c) *A epiclese*

A invocação do Espírito, na dinâmica da celebração, nos convida a considerar o sacramento não como uma “coisa” a ser apropriada, mas como um evento a ser vivido em plenitude. Um evento em que atuam vários sujeitos, que envolve não só o ministro, mas toda a assembleia celebrante e, portanto, toda a Igreja, da qual a assembleia litúrgica é uma verdadeira manifestação (SC 2). É um acontecimento que produz uma transformação, não só no sentido de que o Espírito santifica as realidades, gestos e palavras que compõem a forma simbólica do sacramento, redimindo os portadores do mistério de Cristo, mas transforma e santifica a vida de cada um, redimindo o portador do mistério pascal.

Em síntese, poderíamos dizer que, graças ao Espírito, cada celebração litúrgica é nova, única e fecunda. Nova porque o Espírito não cessa de repetir e impulsionar a renovação em um crescimento progressivo. Ele torna presente e eficaz o mistério da salvação, completado de uma vez por todas e antecipa a sua consumação para todo o sempre. Única porque cada celebração litúrgica é um momento de graça no Espírito Santo, ofertado em um dado tempo e espaço a determinadas pessoas. Frutuosa porque cada celebração é um dom sem limites da plenitude do Espírito de Deus. A celebração é perpassada de

fato da vida e do fervor do Espírito, como recorda o canto de ação de graças depois da comunhão na liturgia bizantina: “*Nós temos visto a verdadeira luz, nós temos recebido o Espírito celeste, nós temos encontrado a autêntica fé*”.

## Referências

BOUYER, L. *Eucaristia. Teologia e spiritualità della preghiera eucaristica*. Leumann: LDC, 1983.

CATELLA, Alceste; CAVAGNOLI, Gianni. *La preghiera eucaristica*. Milano: San Paolo, 1989.

COLOMBO, Giuseppe. *Teologia sacramentaria*. Milano: Glossa, 1997.

GIRAUDO, Cesare. *La struttura letteraria della preghiera eucaristica*. *Analecta biblica* 92 (1981).

MARSILI, Salvatore. *Teologia sacramentaria dell'eucaristia*. Casale Monferrato: Marietti, 1983.

MAZZA, Enzo. *Le ordine Preghiera Eucaristiche. 1/Struttura, Teologia, Fonti*. Bologna: Dehoniana, 1984.

RAFFA, Vincenzo. *Liturgia eucaristica*. Roma: CVL, 2003.

UBBIALI, Sergio. *Liturgia e sacramento*, *Rivista litúrgica* 75 (1988) 314.

Artigo recebido em 08/03/2022 e aprovado para publicação em 06/04/2022

## Como citar:

FREITAS NETO, Manoel Pacheco de. A compreensão teológica da eucaristia: análise das anáforas eucarísticas. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 201-216, jan./jun. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-9> Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)